REPÚBLICA PORTUGUESA
0 JUN. 1965
2.411

Fundo

De vez em quando, ergue-se um edifício público. Uma vez por outra repara-se um edifício público. Uma nova instalação, para servir a população, aparece, assim, na cidade, com as suas janelas muito pintadas, os seus corredores ladrilhados e o seu mobiliário novinho em folha ou convenientemente restaurado. É uma escola, uma estação postal, um posto de polícia — qualquer instalação em que as Obras Públicas se esmeraram e que os respectivos serviços recebem festivamente, com corte de fita e fotógrafos.

Mas, dali a dias, há já dois vidros partidos. Funcionários zelosos ou com medo das correntes de ar procuram substituir um deles por uma folha de cartão, tratam de aguentar o outro, com um pedaço de fita gomada suja.

Mais uns dias passam. No leiteiro luminoso da fachada duas letras já não dão luz. Dentro do edifício, há já um computador arrancado da parede, alguns tubos fluorescentes com arrancadores e outros enegrecidos por uma camada de pó, nos sítios inacessíveis às vassouras. Numa porta, a maçaneta foi hàbilmente substituída por um pedaço de corda. Na parede da secretaria, em frente à mesa do telefone, há já alguns números essenciais apontados a esferográfica.

Mas o pior, o pior são, ainda, os letreiros. Pelas paredes do edifício e nos vidros dos guichets há bocados de papel colados a fingir de dísticos, a indicar horários, a recomandar preceitos: «Tesouraria» — «Recebem-se manifestos» — «Aberto das 13 às 17» — Pede-se ao Exmo. Público o favor de formar bicha» — «Nos termos do artigo tal do Diploma Legislativo número tal, não serão recebidos boletins sem a assinatura reconhecida» — «Para conhecimento do Público se transcreve o despacho assim e assado». Alguns são maravilhosamente dactilografados. Outros são primorosamente desenhados a escantilhão. Há alguns perfeitamente pintados com letras de zinco de caixotes. Outros, ainda, são verdadeiras obras primas de caligrafia escolar.

Mas todos são papéis colados, tiranda dignidade ao serviço, desprestigiando a instalação. Com todo o aspecto de ultrage, a reclamar castigo. Com todo o ar do popelucho clandestino, a exigir esfregão.

«LUUANDA» E O PRÉMIO «MOTA VEIGA»

A recente atribuição do prémio de Novelística da Sociedade Portuguesa de Escritores ao autor de um trabalho já galardoado com dois prémios angolanos — o do Concurso Literário da «Anangola», comemorativo do seu 50.º aniversário, que premiou dois dos três contos que a obra contém, e o Prémio D. Maria José Abrantes da

(Conclui na 12.ª página)

— Luanda — Segunda-feira, 24 de Maio de 1965 —

ABC DIÁRIO de ANGOLA

DIRECTOR
ANTÓNIO PINTO DA FONSECA
(Licenciado em Direito)

FUNDADOR
MANUEL MACHADO SALDANHA

CAIXA POSTAL 1245 — TELEFONE 9142 — PREÇO AVULSO: 2$00

O CHEFE DO GOVERNO VISITOU A EXPOSIÇÃO DE MINIATURAS ANGOLANAS

LISBOA, 24 — O Presidente do Conselho visitou a exposição de miniaturas angolanas, tendo demonstrado muito apreço por tudo quanto lhe foi dado observar. — L.

A. Sousa Lara

A bordo do avião da TAP, é esperado amanhã, em Luanda, o sr. António de Sousa Lara, presidente do Conselho de Administração da Companhia do Açúcar de Angola, que vem tratar da remodelação das fábricas da «Tentativa» e «Dembe Grande», para as quais foi recentemente adquirido equipamento no valor de 70 mil contos.

PROMOVIDOS A INSPECTORES DO ULTRAMAR VÁRIOS INTENDENTES DE DISTRITO EM ANGOLA

LISBOA — Foram promovidos a inspectores do quadro administrativo do Ultramar os seguintes intendentes de distrito: António Marques, José Queimado Pinto, José Figueiredo Modesto, Mário Pereira Matos, Daniel Alves Araújo, José Barros Pealta, Alberto Eduardo Silva, Américo Carreira Castanheira. — LUSITANIA

FERREIRA DE CASTRO FAZ HOJE 67 ANOS

Completam-se hoje 67 anos sobre a data em que, no concelho de Oliveira de Azemeis, nasceu aquele que é, hoje, uma das maiores glórias da cultura portuguesa: o eminente escritor Ferreira de Castro, que vemos na gravura ao lado.

A REPORTAGEM DA SEMANA: JUDO

Na página 8, da presente edição, inserimos o início de uma reportagem de José Manuel da Nóbrega sobre o espectacular desporto, que, dia a dia, conquista novos adeptos entre nós: o Judo. No foto ao lado eis um contra-ataque em «Sukui Nage», a um «Koshi Gari» que vai levar ao «dojo» (tapete) o atacante.

DUAS TRAGÉDIAS NA ESTRADA

• Projectada pela porta de uma ambulância, morreu a esposa do delegado de saúde do Bailundo • Na Metrópole, 2 pares de namorados enfrentaram a morte, ao regressarem de um casamento • Dos 4 só 1 conseguiu escapar

NOVA LISBOA, 24 — Constituiu uma impressionante manifestação de pesar, o funeral da sr.ª D. Afra de Sousa e Andrade, que foi vítima de um estúpido acidente de viação, na estrada entre Nova Lisboa e o Bailundo.

A infeliz senhora seguia como passageira numa ambulância da Delegacia de Saúde do Bailundo, a fim de acompanhar uma filha que é aluna do Liceu em Nova Lisboa e que se encontra adoentada.

A saída do Bairro de Benfica, em Nova Lisboa, o veículo derrapou ao entrar na faixa de macadame, tendo dado várias voltas.

A sr.ª D. Afra de Sousa e Andrade — que era esposa do sr. dr. Álvaro de Sousa e Andrade, recentemente nomeado Delegado de Saúde no Bailundo — foi projectada por uma das portas do veículo, encontrando morte imediata.

O facto provocou profunda emoção em Nova Lisboa e no Bailundo.

AVEIRO, 24 — Perto de Vagos, um automóvel em que seguiam dois pares de namorados que vinham dum casamento, precipitou-se na ponte da Barra, submergindo-se ràpidamente com os passageiros dentro.

Um deles, que conduzia o carro, conseguiu partir o vidro e salvar-se, mas os restantes pereceram.

O carro era conduzido por Orlando Vidal Estrela, de 25 anos, que regressara recentemente de Angola, onde estivera como furriel miliciano. Os mortos são: Maria Madalena Paiva Neto, de 19 anos, estudante; Maria da Apresentação Nunes Paixão, de 20 anos; e Mário Neto Torrão, de 22 anos, bate-chapas. — L.

COM UMA SESSÃO SOLENE TERMINARAM ONTEM, EM LUANDA AS CERIMÓNIAS DE HOMENAGEM aos estudantes universitários CAÍDOS EM DEFESA DA PÁTRIA

No ginásio do Liceu Nacional «Salvador Correia», realizou-se ontem à noite, na presença de altas individualidades, a sessão solene de encerramento do programa de ho-

(Conclui na 2.ª página)

Dr. Erik Dons

CHEGOU A LUANDA o embaixador da Noruega

No avião da TAP, chegou a Luanda, para uma visita oficial de algumas semanas, o dr. Erike Dons, embaixador da Noruega em Lisboa.

No aeroporto foi recebido pelo secretário-geral de Angola, dr. Morais Martins, em representação do Chefe da Província, pelo cor. Rebocho Vaz, governador do distrito do Uíge, que acompanhará o ilustre diplomata na sua visita a Angola; pelo director do Centro de Informação e Turismo de Angola, maj. Alves Cardoso; e pelo cônsul da Noruega nesta província, entre outras individualidades.

Esta manhã, o embaixador norueguês foi recebido, no Palácio do Governo, pelo cor. Silvério Marques, que lhe desejou uma proveitosa estadia em Angola.

Embaixador norueguês, encontra-se há dias em Angola para uma visita oficial a esta província, o embaixador do Japão em Lisboa, sr. Kenkchi Ishido, o qual vemos na foto em cima no momento em que foi recebido pelo Chefe da Província no seu gabinete de trabalho

RECONDUZIDOS OS GOVERNADORES DOS DISTRITOS DO UÍJE E BIÉ

Por portaria ministerial agora publicada na folha oficial, foi reconduzido no cargo de governador de distrito, em Angola, o sr. coronel Rebocho Vaz, que desempenha as funções de Governador do distrito do Uíge.

Também o sr. inspector José Paulo Paixão Barradas acaba de ser reconduzido no cargo de governador do distrito do Bié.

«Luuanda» e o Prémio «Mota Veiga»

(Conclusão da 1.ª pág.)

Mota Veiga, que deu lugar à 1.ª edição do livro — provocou repetros que não se registaram quando o livro foi premiado em Angola, e no qual este jornal se encontra, naturalmente, envolvido, na qualidade de responsável pela organização do segundo daqueles certames. Achamos-nos, por isso, na obrigação de divulgar notas e documentos relativos ao referido concurso, principiando pelo seguimento que é textualmente o seguinte:

«1.º — É mantido para o ano de 1963 o «Prémio D. Maria José Antunes da Mota Veiga», a distinguir obras publicadas durante o referido ano e que contenham a explanação de motivos da presença portuguesa em Angola.

2.º — O prémio é formado por duas verbas — a primeira de 20.000$00 e a segunda de 10.000$00 — que serão entregues a dois autores graduados por um juri.

3.º — A concorrência do prémio, com a distribuição das verbas assignadas, são admitidas todas e quaisquer obras, seja qual for a sua índole e forma literária, que versem a referida matéria, desde que sejam publicadas ou tenham os originais pontos para publicação durante o ano civil decorrente.

4.º — Para as obras serem consideradas pelo júri é necessária a remessa pelos autores ou editores de três exemplares à Direcção deste Jornal até o próximo 31 de Dezembro.

5.º — As obras que não tenham sido ainda impressas tipográficamente, podem ser apresentadas com o texto dactilografado. Mas, nesse caso, as verbas do prémio só serão entregues aos autores classificados depois das respectivas obras terem sido impressas em livro com uma tiragem nunca inferior a 1.000 exemplares.

6.º — A matéria deve ser explanada em forma de ensaio ou ensaio de 80 páginas de mancha tipográfica num formato usual de livros.

7.º — O júri de classificação será formado por um delegado indicado pela Direcção da Associação Comercial de Luanda, outro indicado pelo Rotary Clube da mesma cidade e outro que represente conjuntamente a Associação dos Naturais de Angola e a Liga Nacional Africana. Um redactor do «ABC — Diário de Angola» a designar pela direcção do Jornal, servirá de secretário do juri, sem voto.

8.º — A decisão do juri deverá ser formulada — e tornada pública — até ao dia 28 de Fevereiro de 1964.

9.º — As quantias do prémio serão logo após esta decisão postas à disposição dos autores distinguidos, salvo a restrição do n.º 5.º. Neste caso ficará depositada na empresa deste Jornal até que se mostre satisfeita a exigência referida.

10.º — A decisão do juri será formulada em laudo de apreciação e apresentará os motivos que a determinam.»

Constituído o júri para o Concurso de 1963 — que, por sinal, foi reconduzido para o concurso de 1964 pelas entidades que o designaram, sinal evidente de que essas pessoas continuam a merecer a confiança dos organismos que representam, os trabalhos apresentados ao concurso foram apreciados e a 2 de Maio de 1964, foi lavrada a seguinte acta:

ACTA

AOS dois dias do mês de Maio do ano de mil novecentos e sessenta e quatro, nesta cidade de Luanda e sede da Sociedade Cultural de Angola, reuniu o juri nomeado para apreciar e classificar as obras concorrentes ao PRÉMIO DONA MARIA JOSÉ ABRANTES DA MOTA VEIGA, relativamente ao ano de mil novecentos e sessenta e três, com a constituição seguinte: em representação e por indicação do Rotary Club de Luanda, o doutor Eugénio Bento Ferreira; em representação e por indicação da Associação Comercial de Luanda, Mário Fernando Carvalho Figueiredo Côrte-Real; em representação da Associação dos Naturais de Angola e da Liga Nacional Africana e acordo destas duas colectividades, Maurício Ferreira Gomes; secretariou a sessão, sem voto, em representação do jornal «ABC — Diário de Angola», o seu redactor Alfredo Jorge de Macedo Bobela Motta.

FORAM presentes, para apreciação do juri, cinco trabalhos, concorrentes ao prémio e entregues ao jornal «ABC — Diário de Angola», para esse efeito, dentro do prazo estipulado pelo regulamento, cujos títulos e autores são como segue: «Aspectos do Desenvolvimento Económico e Social de Angola», da autoria de A. Correia de Araújo (um volume copiografado); «Luuanda», da autoria de Luandino Vieira (um volume dactilografado); «Mamã Calindas», da autoria de Emílio Filipe (um volume dactilografado); «100 Poemas», da autoria de Mário António (um volume impresso); e «Por que se bate Angola», da autoria de Norberto Gonzaga (um volume dactilografado).

O juri, afirmando já ter lido e apreciado todos os trabalhos concorrentes, deliberou, por unanimidade, não admitir ao concurso o trabalho «100 Poemas», da autoria de Mário António, uma vez que o próprio prefácio do livro revela que a obra não tos e sessenta e quatro, nesta cidade de Luanda e sala de sessões do Museu de Angola, à rua de Nossa Senhora da Muxima, compareceu o excelentíssimo senhor administrador do primeiro Bairro Administrativo, Joffre Pestana, em representação do senhor governador do distrito de Luanda, expressamente convidado para este acto, a fim de se fazer entrega dos prémios artísticos no corrente ano, no concurso literário do Prémio Dona Maria José Abrantes da Mota Veiga, instituído pelo senhor Eurico da Mota Veiga, numa organização confiada ao Jornal «ABC — Diário de Angola». E, tendo o representante do senhor governador do distrito convidado a tomar lugar na mesa da presidência os senhores Maurício Ferreira Gomes, Manuel Pereira do Nascimento, doutor Augusto Guilherme Mesquitela de Lima e Mário Fernando Carvalho Figueiredo Côrte-Real, em seu nome foi declarada aberta a sessão.

O redactor do Jornal «ABC — Diário de Angola», Alfredo Jorge de Macedo Bobela Motta, que secretariou a sessão, depois de ter procedido à leitura do regulamento do prémio e da acta do júri que atribuiu os prémios relativos ao ano de mil novecentos e sessenta e três, declarou que, em face de documentação depositada no arquivo do referido jornal, eram competentes para receber os prémios atribuídos a senhora dona Ermelinda Graça e o senhor administrador Manuel Alves, presentes neste acto, respectivo e relativamente às obras «Luuanda», de Luandino Vieira, e «Aspectos do Desenvolvimento» Económico e Social de Angola», de A. Correia de Araújo. Mais declarou, para os efeitos consignados no artigo quinto do regulamento, que ambos os trabalhos se encontram já publicados, o primeiro em edição do autor e o segundo pela Junta de Investigações do Ultramar.

O representante do senhor governador do distrito fez, então, a entrega dos referidos prémios — um cheque de vinte mil escudos à senhora dona Ermelinda Graça, representante do escritor Luandino Vieira, e outro de dez mil escudos ao senhor administrador Manuel Alves, que representou o ensaísta A. Correia de Araújo — dando, em seguida, a palavra ao senhor José Justino Roby Amorim, que proferiu uma palestra subordinada ao tema «Bases para uma Literatura Angolana», finda a qual, em nome do representante do senhor governador do distrito, foi encerrada a sessão.

Para constar, foi lavrada a presente acta, que vai ser assinada pelo representante do senhor governador do distrito, pelas individualidades que constituíram o mesa da presidência, pelos representantes dos premiados e por mim, Alfredo Jorge de Macedo Bobela Motta, que a dactilografei e subscrevi.

O «ABC — Diário de Angola» é um jornal de empresa, de capitais e de direcção portugueses quanto a opinião e doutrina. Essa circunstância obriga-o a ser um jornal apolítico, objectivo nas suas análises. Se alguma vez essa directriz foi violada, foi porque houve culpas individuais que foram, naturalmente, punidas.

Esse apoliticismo, no entanto, tem um limite, que não é só imposto pelas leis e pelos governos, como é um imperativo de consciência que admitimos que reflicta uma unanimidade absoluta de todos quantos na empresa sua proprietária são titulares de uma acção: aquela que marca uma fronteira entre a Nação e os seus inimigos.

Desde o momento em que a questão da atribuição de um prémio da Sociedade Portuguesa de Escritores ao escritor Luandino Vieira é considerada suspeita de conclusão contra a Pátria, este jornal só tem um caminho a tomar: o de facultar todos os elementos relativos à anterior concessão de um prémio, numa organização a nosso cargo, ao livro que voltou a ser galardoado, e o de juntar a nossa voz à de todos aqueles que exigem do Governo um inquérito rigoroso sobre a matéria de tão grave acusação.

A transcrição das peças que, hoje, aqui fazemos, constitui a nossa contribuição para o inquérito que se exige.

A DIRECÇÃO

UMA DECLARAÇÃO DO SR. MAURÍCIO GOMES que foi membro do juri do prémio «Mota Veiga»

Tendo o signatário feito parte do juri que atribuiu o prémio literário «MOTA VEIGA» a um livro de contos do escritor Luandino Vieira, que não conhece pessoalmente, — vem declarar publicamente que, como é óbvio, apenas apreciou literàriamente as obras apresentadas pelos concorrentes, em nada influindo no seu juízo as personalidades, as ideias ou as actividades dos candidatos à aquela prémio regional, relativo ao ano de 1963. O declarante ignorava então, como aliás continua a ignorar, quem atribuição dos prémios literários anteriores que distinguiram em anos sucessivos o referido escritor, tivesse havido qualquer propósito inconfessável a que é totalmente estranho e que, a ter existido, repudia em absoluto.

Luanda, 28 de Maio de 1965.

as.) Maurício Gomes

ABC
DIÁRIO de ANGOLA
ANO VII N.º 2.411
PROPRIEDADE DE INDÚSTRIAS ABC — S. A. R. L.
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
DEPARTAMENTO DE PUBLICIDADE
OFICINAS: Estrada de Catete (edifício próprio)
Telefone 9142
DELEGAÇÃO

NECROLOGIA

Cap. Joaquim Maria Belo

LISBOA, 24 — Faleceu o capitão Joaquim Maria Belo, chefe de contabilidade geral da Companhia do Caminho de Ferro de Benguela. — L.

FUNERAIS EM LUANDA

Realizaram-se ontem, para o Cemitério Novo, os funerais de: João Amado Trigueiro, filho de Augusto Lourenço Trigueiro e de Maria Amado da Silva; Eva Maria, António da Silva Cabeça, filho de Francisco Cabeça e de Macende Cabeça; João Luís, filho de Luís Francisco e de Ana António Pascoal; Lucinda Arminda, filha de Armindo e de Isabel; um nado-morto, filho de António Alberto e de Nazaré Francisco; Julião Faria Cristóvão Neto, filho de Faria Cristóvão e de Antonieta Adão Manuel; Constância Augusto André; Zau Fate; e José Maria.

ENCERADOS
em lona da melhor qualidade totalmente impermeabilizados e de perfeito acabamento. Em stock de diversas medidas p/ todos os tipos de viaturas automóveis de carga. Vende mais barato.
LIMA & C.ª Ldª
(Atrás da Se)

LEIA * ASSINE E DIVULGUE «ABC—Diário de Angola»

HOMENAGEM A OFICIAIS DA P.S.P.

LISBOA, 24 — Por motivo de seguirem, em breve, para o Ultramar, onde vão prestar serviço, foram homenageados diversos oficiais da P.S.P., entre os quais, o comandante da corporação de Lisboa, sr. ten. coronel Salvador Pinheiro.

Os oficiais foram homenageados durante uma reunião no Hotel Estoril, promovida pelo sr. general Fernando de Oliveira, comandante-geral da P.S.P. — L.

NOVO JUIZ DO SUPREMO

LISBOA — Foi nomeado juiz conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça o juiz-desembargador da Relação do Porto, sr. dr. João Pinto de Freitas. — LUSITANIA

CHAVES
de boca e luneta e em jogos, sempre em stock, o mais completo sortido. Vende mais barato.
LIMA & C.ª Ldª.
(Atrás da Se)

ELEIÇÃO DO CONJUNTO INSTRUMENTAL MAIS POPULAR DE ANGOLA
CUPÃO - VOTO
N.º DE ENTRADA .....
VOTO EM .....
LOCALIDADE .....
NOME DO VOTANTE: .....
MORADOR EM: .....
Uma iniciativa do «PROGRAMA «C» de Rádio Clube de Angola, de colaboração com o jornal «ABC» e a Angola-Filmes

RODAPÉ A FECHAR...

Já sei que as cidades começam com os rios, o mar, a terra, depois as casas e as pessoas que começam as cidades dos dias claros em varandas de roupa estendida e gatos sonolentos.

Uma rua a descer para um largo habitual e circunspecto, onde carros dão as voltas necessárias ao harmonioso movimento indispensável.

Um subir penoso pela encosta que distrai os olhos que, depois, lá em cima, vão continuar uma descoberta começada desde um porto igual em toda a parte, um leito de hospital, um berço chorão em quarto sobre a estrada que há-de, inevitàvelmente, prolongar-se para além da cintura da cidade, do outro lado que é norte e tem aventuras de serão e imbondeiros de lenda.

Em gritos de prego ainda se descobre melhor em que rio, em que mar, em que pois se abriga a cidade que se habita.

Terra diluída em vermelho e cacimbo e sons de cantar estrelas.

Onde se dispensa o arco barroco e verde-musgo pela árvore amarelada pela seca e as vozes não correm pelas ruas, nem reflexos cristalinos fontanários, nem jardins de sombra verde banco de Cupido domingueiro vestido a sarja suarenta e bota tosca.

Um som que aqui nos chega a sino rachado e guinchos de menino sem futuro, com palavras sem eco na aragem que não leva os gritos e onde uma saudade inventa riscos de andorinhas, pardais para o sacrifício infantil da faga definitiva, serões de uma brasieira com conversas em roda, e um beco, uma cavirina, um gato...

Sim, há diferenças.

Os barcos não partem no temor do naufrágio que sulca o lato de uma vida amarrada ao fogão de barro que desde séculos se abana desnecessàriamente.

Mas é um vazio de cais em toda a parte, um desespero de partida inconsequente, um milagre de ainda se adivinhar uma aventura de mar sem sobressaltos, onde se sabe poder partir sem medo, de ainda ter coragem de estender o braço, de esticar a vela, de marcar um rumo, porque já nada é surpresa, e para lá é o mundo que sempre se conhece, e o destemor da conquista é um mito, a tradição do livro que se ensina num Bé-á-Bá do carteira tosca, a meninos de olhos sonolentos e espantados pela facilidade com que lhe contam histórias.

Em terra de alma onde não se choram as desgraças, e um lamento de carpideiras só sente mortes de parentes e amigos por urgência atávica de esconder o que não dizem os rostos, os gestos, as palavras, — o sol impera...

Luanda.

JOSÉ MANUEL DA NÓBREGA